

Menos cotados são os melhores

22 JUL 1989

Os candidatos que estão ganhando os debates na TV curiosamente são aqueles que detêm os menores índices na intenção de votos, segundo as pesquisas. Essa constatação é válida para Roberto Freire, Afif Domingos, Paulo Maluf e Mário Covas. O bloco Fernando Collor de Mello — Leonel Brizola — Luiz Inácio da Silva continuará na frente por mais tempo, mas correndo o risco de ver subir o grupo intermediário graças ao bom desempenho dos presidenciais citados nos debates. As exceções correm por conta — até o momento — de Ulysses Guimarães e Aureliano Chaves. Não se fala de Affonso Camargo e do empresário Ronaldo Caiado por uma questão de delicadeza.

Todo o bloco intermediário disputa algo em torno de sessenta por cento dos eleitores que não têm intenção de voto definida, mas tendem a retirar votação dos que estão na frente. É um atraente mercado eleitoral, capaz de obrar milagres como a decolagem do deputado Ulysses Guimarães, por graça de sua participação nos debates. Dos integrantes do bloco intermediário, entretanto, os que poderão crescer mais são Mário Covas e Paulo Maluf, por conta de suas estruturas partidárias e do bom nível de seus programas de TV. Quanto a Ulysses, embora com razoável desempenho no último debate da Rede Manchete, apresenta uma estrutura partidária cada vez mais rotativa — com a debandada dos governadores —

e seu último programa partidário do PMDB não convenceu inteiramente.

Nas condições de hoje, esse quadro leva à moldura de um primeiro turno definido entre Fernando Collor e um adversário que poderá ser um representante do bloco da liderança (Brizola ou Lula) ou do grupo intermediário que avança nas pesquisas e nos debates (Covas, Maluf ou Ulysses). Pensar que os demais tenham chance é esperar muito da sorte e da convergência de fatores anômalos. Os chefes dos dois blocos — Brizola e Covas — são os candidatos naturais a enfrentar Collor, no segundo turno.

Compulsando as variáveis que poderão vir a ocorrer entre agora e 15 de novembro, somente um fato emocionalmente grave poderia modificar o panorama. Desistência de candidaturas, agora, não alterariam profundamente o cenário, a não ser que um nome que entrasse no jogo sucessório fosse capaz de tirar votos de Fernando Collor. Parece mesmo que o único no País com esse potencial é o empresário Sílvio Santos, que pesquisas confiáveis (não foram feitas por ele) apontam como capaz de subtrair de seis a quinze por cento dos votos de Collor, caso substituisse o candidato de seu partido.

São improváveis, porém, essas variações, dando razão ao ministro do Exército, general Leônidas Pires Gonçalves, para quem o favoritismo de Fernando Collor já é irreversível.